

A MULHER BALA

Por Priscila Gontijo¹

A 37^a edição do Festivale trouxe ao palco do Cine Santana, em São José dos Campos, na noite de segunda-feira, 04 de Setembro de 2023, o espetáculo circense *A mulher bala*, da Trupe do Fuxico, de Jacareí. Com roteiro de Ana Luísa Cardoso e Priscila Senegalho, que também assina a dramaturgia e a direção, sob a orientação cênica de Adriana Marques, o espetáculo tem no elenco, Priscila Senegalho como a palhaça Funúncia e o ator Guilherme Barruchi como o *partner* Serafim, cenário e figurino de Karine Lopes e trilha sonora de Aline Machado.

Ao homenagear Zazel, como era chamada a trapezista e atriz inglesa Rosa Matilda Richter, o espetáculo dá visibilidade a uma personagem feminina pouco conhecida do público em geral. Zazel foi a primeira bala de canhão humana. Em 1877, no *Royal Aquarium*, um local de diversão em Londres, Zazel foi disparada de um canhão pela primeira vez, fundando o número da “Bala humana”. Tinha 14 anos e sua fama se espalhou rapidamente, não demorando muito para que multidões se reunissem para assisti-la voar pelos ares.

Entre as tantas inovações que surgiram e ganharam espaço com o surgimento do circo, a modalidade da “Bala humana” é considerada uma das atrações mais perigosas de todos os tempos. Não deixa de ser curioso que o número tenha como pioneira uma mulher, ou melhor dizendo, uma menina. Infelizmente, em um dos arremessos, a adolescente quebrou as costelas e teve

¹ Escritora, dramaturga, pesquisadora e professora. Mestra em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP, doutoranda em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) FFLCH/USP. Licenciada em Língua Francesa e Língua Portuguesa. Participou do grupo Macunaíma coordenado por Antunes Filhos, da Cia Os Privilegiados de Antônio Abujamra, é cofundadora da Companhia da Mentira. Atuou como artista orientadora do Programa Vocacional. Atualmente é professora de dramaturgia e roteiro no curso de pós-graduação Formação do escritor, no Instituto Vera Cruz-SP.

que se aposentar da carreira circense. E a modalidade que ajudou a criar se transformou no número do “homem bala”.

Inspirada pela trapezista, a palhaça Funúncia, uma personagem nada corajosa, como descrita na sinopse da peça, decide encarar o desafio de se tornar uma bala humana. Com um canhão inventado por ela mesma, Funúncia anuncia que será disparada a uma incrível altitude de 50 mil metros.

Ao partir da heroica jornada de uma artista inglesa do século XIX para aterrissar nas desventuras da palhaça Funúncia, uma artista brasileira contemporânea, o espetáculo consegue alcançar um duplo efeito, fazer rir enquanto instrui. Esse traço pedagógico implícito, que traz de volta aos holofotes uma figura histórica apagada pelos séculos, revela possíveis caminhos de aprendizagem para o público infantil, ao entrelaçar o lúdico e o riso. Mas também consegue atrair o olhar do público adulto, pois o poder corrosivo e libertador que a comicidade carrega está prenhe de assuntos sérios, tais como a desigualdade de gêneros e outras mazelas sociais.

Zazel e Funúncia são como espelhos, que, contudo, não refletem a mesma imagem, tratando-se, na verdade, do espelho mágico com efeito deformador. Funúncia é a imagem invertida de Zazel. A palhaça atua como uma manifestação do arquétipo da sombra em seu lado brincalhão, um *trickster*. Desse modo, a homenageada sofre a metamorfose de ganhar uma atualização brasileira, mambembe, desprovida de recursos primários.

Tanto a inversão, quanto a transgressão, o riso e o corpo jogador são técnicas do palhaço para conseguir acessar o público. E *A mulher bala*, com seu duo talentoso formado pelos atores Senegalho e Barruchi, realiza a tarefa com maestria. Destaco quatro elementos da obra: a criação dos personagens, cenário e figurinos, e a inversão como procedimento central.

Funúncia e Serafim são personagens construídos com forte apelo afetivo, tanto pela caracterização, quanto pelo desenvolvimento dramático. Os figurinos complementam o temperamento de cada um, ajudando a ressaltar o passo a passo da jornada: primeiro o vestido, as meias, os sapatos e depois a fase de treinamento com macacões, capacete, joelheiras e óculos. Já o procedimento

de inversão, que considero central, considera a potencialidade dramatúrgica do jogo de espelhos entre Zazel e Funúncia. Se a inversão funciona como uma das maiores estratégias da arte do palhaço por carregar a ambiguidade da transgressão e do jogo, a trajetória nada gloriosa de Funúncia encontra na homenageada, a sua contraparte heroica ativando uma troca repleta de contradições e humor.

Segundo Tristan Remy, autor de *Entradas clownescas: uma dramaturgia do clown*, o palhaço é um espelho em que o homem se revê de forma grotesca e disforme. É em si a sombra. E é justamente esse lado caricatural e bufo, aliado ao temperamento desastrado de Funúncia, que extraem o riso da plateia. Funúncia e seu *partner* Serafim cumprem a saga anti-heroica com graça e leveza e, para a grande surpresa do público, conseguem realizar a empreitada do voo através de uma criativa peripécia final.

Se, na vida real, Zazel acabou ficando esquecida, da mesma forma que ocorreu com diferentes mulheres de inegável talento, destacar sua trajetória através da palhaçaria é reconhecer a importância do riso como forma relevante de crítica, sem precisar apelar para um discurso didático e moralizante. O riso aqui funciona também como deflagrador do pensamento sério.

A Trupe do Fuxico nasceu em 2015 na SP Escola de Teatro, através de um curso de humor e é formada por artistas que exploram a linguagem circense, o teatro de rua e a palhaçaria feminista, sendo esta última sua principal fonte de pesquisa. Tem no repertório 10 espetáculos autorais. Além dos espetáculos, intervenções, também são criadoras de projetos, festivais e encontros.